

# Engenheiros pioneiros são homenageados

CRISTIANO MARIZ

## Diploma "Construtor de Brasília" será entregue a 50 profissionais, dia 26

Erguida do nada, na solidão do Planalto Central, Brasília completa, quinta-feira, 45 anos de existência. Durante as comemorações de mais um aniversário da Capital Federal, as homenagens se multiplicam. Os candangos, vindos de todas as partes do País, atraídos pelo sonho de fazer a vida na nova capital, contam histórias, recordam os primeiros dias da construção da cidade e também recebem homenagens.

Uma delas acontecerá no dia 26, no Clube de Engenharia de Brasília (Cenb). O clube

aproveitará o aniversário para homenagear pioneiros que contribuíram para a construção da cidade. Cerca de 50 profissionais receberão diploma de honra com o título de Construtor de Brasília.

O documento será entregue pela direção do Cenb. "Queremos homenagear aqueles que trabalharam na construção e implementação da nova capital", comenta o presidente da Cenb, Carlos Roberto do Santos Moura.

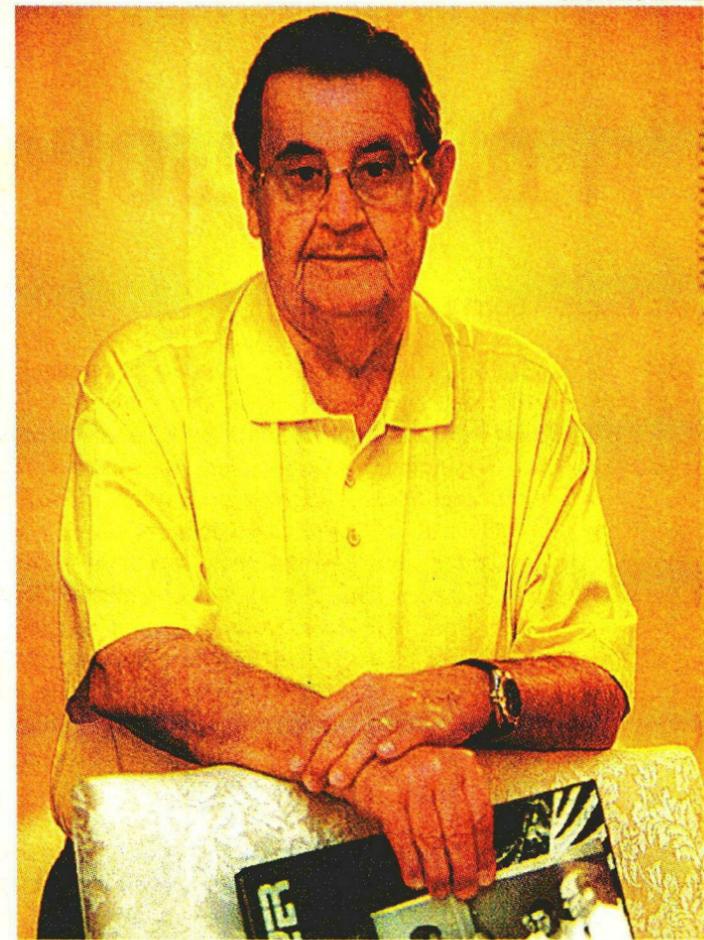


Entre os homenageados estão pioneiros como o engenheiro civil Félix Vieira de Almeida, responsável pela construção dos prédios da Faculdade de Educação e do Auditório Dois Candangos da Universidade de Brasília (UnB). As obras, concluídas em abril de 1962, foram os primeiros prédios a ficarem prontos na UnB.

Também receberá o diploma o engenheiro Sílvio Carlos Pimenta Jaguaribe, que veio para Brasília recém-formado,

em 1957. Jaguaribe, que tinha apenas 25 anos, foi responsável pela construção do Itamaraty, da Praça e do Palácio do Buriti e pelo acabamento do Teatro Nacional e da Catedral, entre outras obras.

Outro homenageado será Armando Buchmann, também engenheiro, que veio para a cidade, em janeiro de 1961, tentar a sorte. Foi diretor da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) por nove anos. Há 15 anos, exerce o cargo de assessor da Diretoria de Urbanização do órgão.



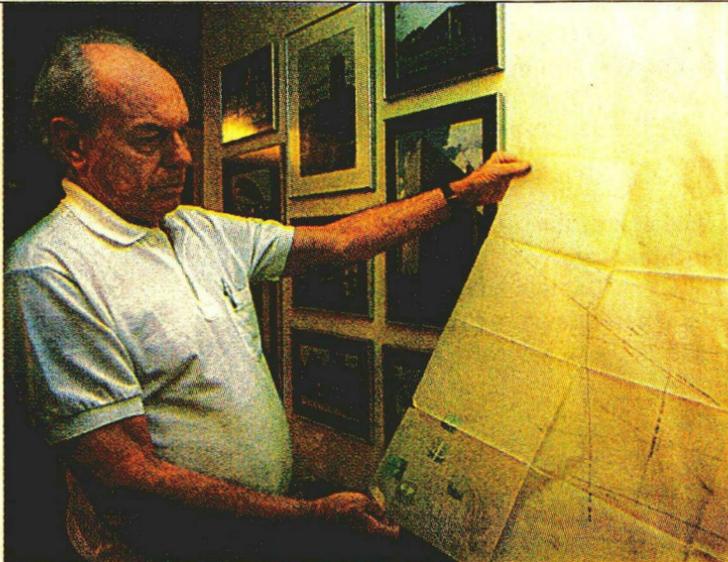
**SÍLVIO CARLOS PIMENTA JAGUARIBE**

Em 1956, Sílvio Carlos Pimenta Jaguaribe havia acabado de se formar pela Escola Nacional de Engenharia do Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, em fevereiro de 1957, aos 25 anos de idade, teve de optar entre três opções de trabalho. "Tinha que escolher entre continuar servindo a Marinha, que era onde eu tinha estado durante os anos de faculdade; entre ir para a Petrobrás e procurar petróleo no fundo do mar, na Bahia; ou entre vir trabalhar na construção da nova capital, para a qual havia sido convidado graças a um conhecimento meu com Israel Pinheiro. Optei por vir para Brasília. Era solteiro, nada me prendia", conta ele. Sílvio chegou a uma Brasília ainda virgem de todo, totalmente ocupada pela vegetação e pela vida selvagem do cerrado. Seu primeiro trabalho foi a construção dos alojamentos dos trabalhadores, situados na atual Candangolândia. "Fui o encarregado de fazer os acampamentos, as casinhas de madeira dos primeiros trabalhadores que chegaram, solteiros e casados. Fiquei responsável pelas primeiras carpintarias e olarias", lembra o então recém-formado engenheiro, que, apenas oito meses após sua vinda para Brasília, casou-se com uma namorada do Rio. "Casei no Rio de Janeiro, em 11 de outubro de 1957, e trouxe minha esposa para cá", conta. Após a construção dos acampamentos de madeira, Sílvio Jaguaribe foi responsável pela construção dos hotéis Brasília Palace e Do-Ré-Mi, da Churrascaria do Lago (concluída em apenas 15 dias); pelos acabamentos do Teatro Nacional e da Catedral; e pelas construções do prédio do Itamaraty, da Praça do Buriti e do Palácio do Buriti. "Também fui o engenheiro responsável pela construção de todo o Guará I e pelo projeto das ruas do Guará II. Foi uma experiência e tanto, sobretudo para quem havia acabado de se formar", afirma o ex-funcionário da Novacap. Sílvio considera emocionante o fato de todas as pessoas envolvidas na obra, engenheiros e operários, acreditarem integralmente em sua conclusão dentro do prazo. "Estávamos ali para isso, todos acreditavam, não duvidávamos nem por um segundo. Trabalhávamos 24 horas por dia", lembra o engenheiro. Ele se recorda também, com carinho, do clima de confraternização dentro dos acampamentos. "As pessoas sempre faziam alguma festa; era o que tinha para se fazer. Tudo era motivo para festejos. Qualquer coisa. De vez em quando, havia nos bares festas de inauguração de alguma geladeira nova que havia chegado e isso era um grande acontecimento. Comemorávamos o fato de poder beber cerveja gelada. Foi uma época muito divertida", lembra-se engenheiro, acrescentando que tem, hoje, por Brasília, o sentimento de...

## FÉLIX VIEIRA DE ALMEIDA

TONY WINSTON

Em julho de 1960, o engenheiro civil Félix Vieira de Almeida tinha 30 anos, residia no Rio de Janeiro, com sua mulher e três filhos, e trabalhava na Construtora Martins Almeida. A empreiteira, hoje extinta, foi uma das empresas contratadas para a construção da nova capital. "Surgiu a oportunidade de vir. Minha esposa topou e viemos", conta o engenheiro, hoje 75 anos. Félix chegou a Brasília em 14 de julho de 1960, e foi morar em uma casinha de madeira perto da



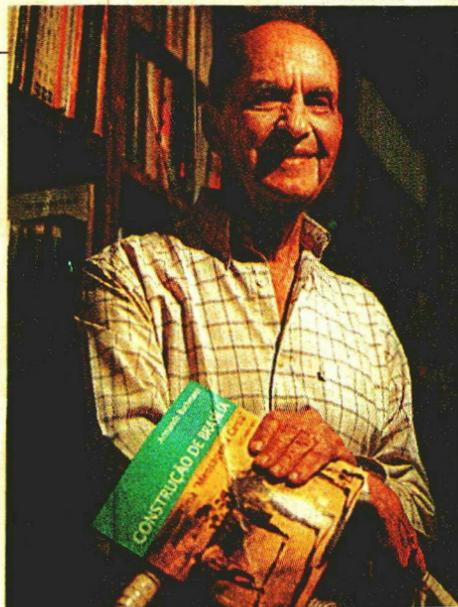
atual Vila Planalto. A capital já havia sido inaugurada, mas as obras prosseguiam. A primeira da qual o engenheiro participou foi a do Palácio do Desenvolvimento, no Setor Bancário Norte. "Tínhamos o desafio de equilibrar uma estrutura de metal de 22 andares sobre quatro pilares de concreto. Nunca isso havia sido feito antes" conta ele. As lembranças da construção da capital federal que Félix Vieira guarda com mais carinho, no entanto, são aquelas ligadas às obras da Universidade de Brasília (UnB). "Ergui os dois primeiros prédios da UnB, o da Faculdade de Educação e o do Auditório Dois Candangos. Darcy Ribeiro foi à casa onde eu morava, em janeiro de 1962, só para bater papo, e acabou me falando a noite toda sobre a universidade que queria criar. No dia seguinte, me procurou e disse: Vou fazer a universidade e você vai ser meu engenheiro. Então marcamos

reliquia. Os prédios da Faculdade de Educação e do Auditório Dois Candangos foram concluídos no tempo recorde de 59 dias, pois Lúcio Costa e Darcy Ribeiro queriam que a UnB fosse inaugurada em 21 de abril de 1962. "Disse ao Darcy que ele era doido de apostar naquele projeto, e eu mais doido ainda de aceitar", lembra Félix. Antes da conclusão do Dois Candangos, houve um episódio trágico: dois operários morreram soterrados em um dia de escavações. "Darcy Ribeiro escolheu o nome Dois Candangos em homenagem a eles", conta Félix. Ele também se lembra das noites de confraternização entre operários, autoridades e futuros professores da UnB. "Nem parecia que todos pertenciam a classes sociais diferentes", recorda-se. "O que fez tudo valer a pena foram as pessoas que conheci, maravilhosas. Só me arrependo de não ter vindo antes da data em que vim."

## ARMANDO JOSÉ BUCHMANN

O engenheiro Armando José Buchmann, 78 anos, veio conhecer a nova capital em outubro de 1960. Ele morava no interior de Paraná e precisava mudar de cidade para que sua filha, de 12 anos, pudesse cursar o ginásio, pois as escolas da sua cidade só ofereciam o ensino básico. "Por que não vamos para Brasília?", questionou sua esposa. Armando veio sozinho para conhecer a cidade antes de trazer a família. Lembra que ficou encantado e mandou um telegrama para sua esposa. "Venda tudo, vamos para Brasília." Ele ficou impressionado com as possibilidades de emprego que a cidade oferecia e com o céu de Brasília, planejada para não ter

arranha-céus. Gostou tanto da nova capital que, além da esposa e da filha, trouxe também a sogra, mesmo sem emprego certo. Quando conseguiu seu primeiro emprego, no Departamento de Água e Esgoto do Gama, foi morar com a família em um acampamento gratuito do órgão, entre o Balão do Aeroporto e o Núcleo Bandeirante. Depois, foi convidado para trabalhar na Novacap, onde trabalhou de 1961 a 1970 e, depois, de 1990 até hoje. Baseado em sua experiência, escreveu os livros "Lúcio Costa, O inventor de Brasília" (2002) e "Construção de Brasília" (2004). "Sou brasileiro de corpo e alma", declara.



CRISTIANO MARIZ